

H. S. 6719

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 8

---

# Os tres annos de guerra

## vistos pelo Kaiser

PUBLICADA PELO

**Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa**

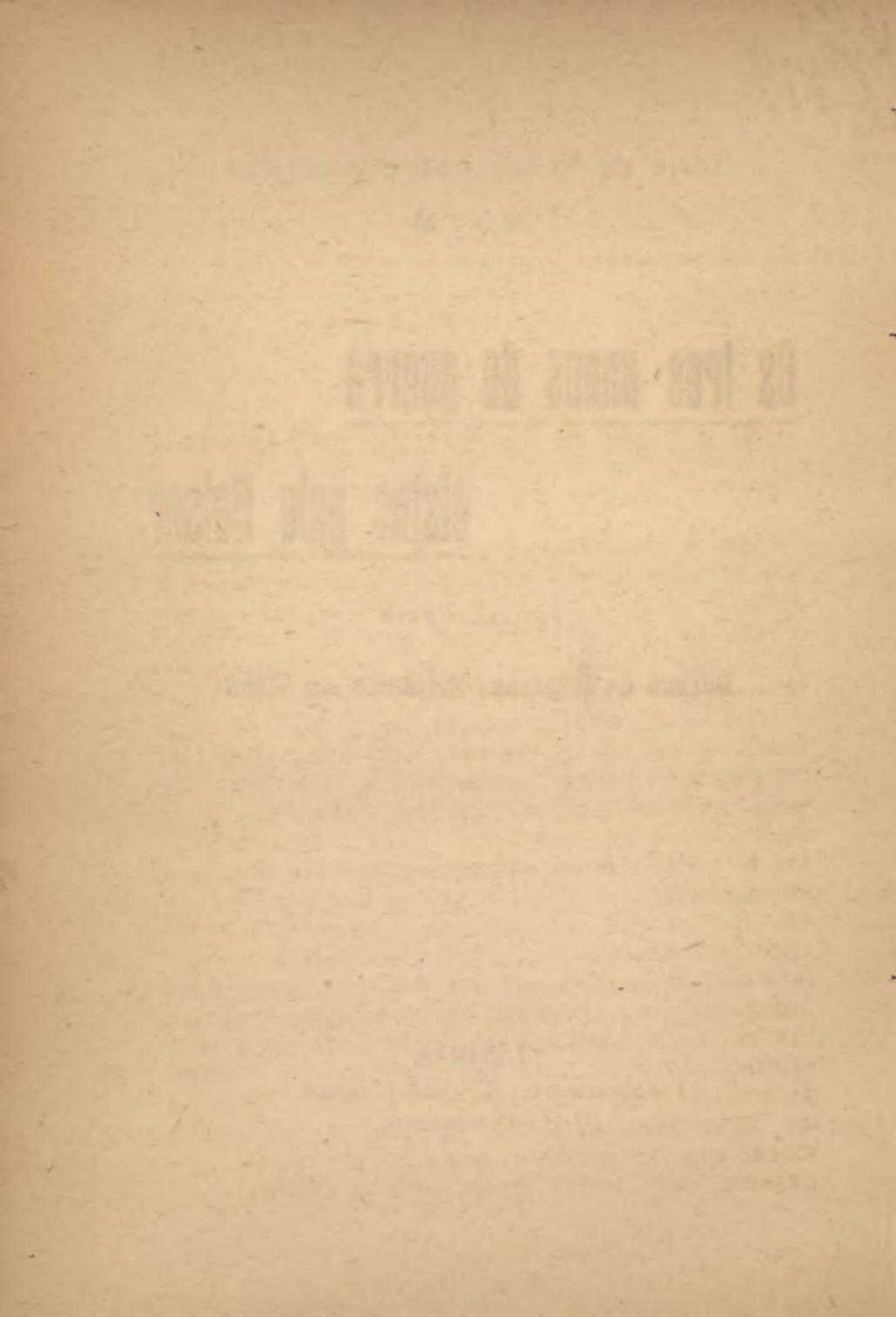
---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—  
1917



Hy 8  
6719

## Os tres anos de guerra vistos pelo Kaiser

---

Não é unicamente nos escriptos dos Aliados que se póde lêr a verdadeira historia destes tres anos de guerra e do insucesso da Alemanha. Vê-se facilmente o seguimento dos acontecimentos nos discursos e nas proclamações do Kaiser.

No seu estilo empolado e teatral do costume, conta ele a historia das fases violentas porque teem passado os impulsos do coração dos seus subditos — duma confiança ilimitada para um triunfo selvagem, para o odio, para a preocupação, para o receio, que neste momento degenera em desespero, — desde o dia em que em 1914 ele expediu os seus exercitos com a grita triunfante: «Em cada um de vós existe a vontade de triunfar» até ao dia em que, em 1917 quando se despediu das suas tropas exaustas depois da batalha de Arras com as palavras descoroçadas: «Deixo-vos mais uma vez no Front. E' questão de resistir enquanto durar a guerra.» Bastava lêr só os ditos do Kaiser para se chegar á convicção que a Alemanha corre para a sua derrota por um desfiladeiro tanto mais escabroso e al-

cantilado por ter iniciado o primeiro passo quando no auge da sua gloria e orgulho.

Nos dois primeiros mezes de triumpho rapido, a confiança degenerou num arrebatamento selvagem. Refletem-se todas as fases nas palavras do Kaiser. A confiança exprime-se na sua mensagem ao povo: «Nunca a Alemanha foi derrotada enquanto permaneceu unida», e no seu discurso á sua Guarda em Potsdam: «Vós sois a minha garantia que poderei ditar a paz aos meus inimigos.» O odio transparece na famosa ordem aos exercitos publicada dois dias depois da rendição de Bruxelas e tres dias depois do desembarque do exercito britanico em França: «E' a minha ordem real e imperial que concentreis o vosso esforço actual num unico impulso — o terminio dos inglezes traiçoeiros, calcando aos pés o desprezivel exercito do general French.» A sua arrogancia suprema lê-se na mensagem enviada á princeza real: «Regosijo-me com a primeira victoria do Wilhelm. Quão magnificamente Deus o auxiliou. Agradecimentos e honra para ele.» (Para quem, Wilhelm ou Deus?) A batalha do Marne ainda estava para vir. O triumpho parecia certo.

Mesmo depois do Marne, quando falhou o primeiro grande plano e Paris não foi tomado, ousou dizer aos seus recrutas: «Antes de cairem as folhas destas arvores, estaremos de volta na querida patria.» E quando, chegado o fim do ano, tinha falhado o segundo plano; quando Calais que se devia «ganhar a todo o custo» estava ainda, como Paris, por tomar; quando o teimoso exer-

cito britânico em volta de Ypres lhe negava o triunfo tão cubiçado de poder declarar na velha camara de Bruxelas que a Belgica passava a ser um Estado da Alemanha; quando as folhas jaziam desde ha muito na terra e os seus soldados nos campos inundados de Flandres apodrecendo como as folhas, ainda conservava o mesmo tom de alta confiança. A vitoria demorava-se, porém era só uma demora.

Encontrou-se com as suas tropas no dia de Natal: «Camaradas, bradou, os nossos pensamentos estão com os que deixámos na patria a quem agradecemos as dádivas generosas que vemos espalhadas nestas mesas (palavras estas que a sorte recordaria com ironia). Deus permitiu que o inimigo nos obrigasse a celebrar esta festa aqui; queira Deus que desta luta difficil venha uma grande vitoria para nós. Pisamos um solo inimigo: a ponta de nossa espada voltada para o inimigo, o nosso coração voltado para Deus.» Estava certo de si e de Deus.

O ano de 1915 foi o periodo da provação da Russia, como em 1914 tinha sido o ano da primeira provação da França. Depois da segunda batalha de Ypres a Alemanha desviou a sua grande força para o Oriente. A batalha dos lagos Masuros tinha libertado a Prussia Oriental. Caiu Varsovia. Seguiu-se vitoria sobre vitoria. As fortalezas russas foram tomadas uma após outra. A Alemanha passou por igual crise de embriaguez como na hora do avanço dos seus exercitos na Belgica. Isto vê-se pelo telegrama enviado á rainha da Grecia pelo Kaiser: «Minha

espada destrutora esmagou os russos. Dentro em pouco anunciarei novas vitórias. A guerra aproxima-se do seu termo.»

A vitória porém mais uma vez errou o alvo. Conduziu a Alemanha, não para a paz e para o triunfo que ela tanto desejava, mas — para os pantanos de Pritet onde estacou. Nunca mais devia atingir a mesma certeza delirante da vitória final. Havia uma nota desusada no tom do Kaiser quando começou o ano de 1916, quando as folhas do outono tinham caído pelo segunda vez e só os feridos tinham voltado á patria. Eis a mensagem do Ano Novo :

«Na sua furia impotente os nossos inimigos procuram ainda privar-nos de tudo quanto dá valor á vida. Perderam ha muito a esperança de nos vencer em combate leal. Imaginam poder ainda contar com o peso das suas massas, na redução á fome do nosso povo inteiro. Os seus planos não terão exito.» Começava a insinuar-se a duvida.

Houve porém um breve momento de ilusão antes de se perder a ultima esperança da victoria. A estrategia alemã voltou a ferir outro golpe á porta de Paris. Mez após mez martelou naquela porta e sabemos a força daqueles golpes vibrantes. Em junho o Kaiser foi a Kiel. Acabava de se dar a batalha da Jutlandia. A sua esquadra achava-se de novo em segurança. Foi ter com os seus marinheiros com o coração, como ele lhes afirmou, mais animado do que nunca.

«Nestes dias quando o inimigo deante de

Verdun começa a fraquejar, quando os nossos aliados rechaçaram de montanha em montanha os italianos e continua a repeli-los, conseguistes vós este feito grandioso e belo. O mundo tudo poderia esperar menos a derrota da armada britânica pela armada alemã. E' o principio. O medo vai-se infiltrando no inimigo até á medula.»

Aquele discurso é no estilo da ironia trágica que tanto apreciavam os antigos gregos. O Destino que pune o orgulho parece ter-lhe insuflado essas palavras de orgulho para logo as dar por falsas. Só poucas semanas depois os exercitos unidos britânico e francez feriram um golpe no Somme; Brusiloff levava diante de si os austriacos; os italianos tinham atravessado o Isonzo. Tinham virado todas as marés da guerra. Enquanto á esquadra, passou-se mais um ano, porém ela nunca mais se aventurou a combater. Quando em 3 de agosto, o Kaiser se dirigiu ao seu povo, fê-lo em termos tão pouco seguros que os jornais apressaram-se a explicar que não tinham a significação que os alemães recebavam vêr neles.

Quatro mezes depois, numa proclamação a mais extranha que jámais se dirigiu a um exercito tido como victorioso, o Kaiser participou ao seu exercito o seu oferecimento de paz :

«Sob a influencia da victoria que acabastes de ganhar pela vossa coragem, fiz um offerecimento de paz ao inimigo. E' ainda duvidoso se o fito alvejado por este offerecimento se alcançará. Tereis no comenos de continuar com o

auxilio de Deus a resistir e a derrotar o inimigo.»

Seguiu-se então a ofensiva da primavera dos novos exercitos aliados, aquelas «massas» que o Kaiser começou a temer no ano precedente. As posições inexpugnaveis tomavam-se uma após outra. Os postos fortificados da linha alemã desde Verdun até ao mar caíam um a um, e o Kaiser veio contar ás suas tropas, perto de Arras, a triste verdade que já não podiam esperar a victoria:

«Quanto tempo deve durar ainda o conflicto está na mão de Deus. Não nos pertence fazer perguntas a esse respeito. Temos de cumprir a nossa obrigação e deixar o resto a Ele... Deixo-vos portanto mais uma vez no Front. Só vos resta manter-vos emquanto isto durar. No entretanto os vossos camaradas no mar estão desempenhando a sua tarefa de cortar, pedaço a pedaço, as arterias vitais do inimigo.»

Não punham em si a sua derradeira esperança. Tiveram de a pôr numa arma que não só falhou, mas que lhes trouxe outro inimigo, o qual lançará novos e ardentes exercitos contra as suas linhas exaustas. As tropas poderiam muito bem dizer ao Kaiser: «Terieis feito melhor de pôr a vossa confiança em nós, ainda mesmo que não vencessemos.»

O que encontrará o Kaiser para dizer ao seu povo no começo do quarto ano de guerra?

